

A ditadura Duvalier e a construção da violência institucional

O regime edificado por Duvalier seguiu para uma ditadura sem abrir mão de uma transição bonapartista inicial. A instabilidade crônica, política, econômica e social, que se seguiu ao pós-guerra em 1945 não permitiu a vigência e a consolidação de um regime democrático. É preciso considerar que Duvalier chegou ao poder não apenas por meio da fraude e do apoio dos EUA, como vimos, mas também com significativo apoio social interno. Muitos o viam como um homem do povo, um político da pequena burguesia que não enriquecera enquanto fora ministro de Estado do presidente Dumarsais Estimé. Foi esse difuso apoio popular e seu discurso nacionalista em favor do poder negro que lhe permitiu transitar para uma ditadura civil com a implantação de novas e inéditas instituições autoritárias no país.

Duvalier se associara inicialmente a um antigo colaborador dos *Griots*, o nacionalista radical Lorimer Denis, que deu ao regime um caráter nacionalista e conservador mais sólido, facilitando nos primeiros anos o ensaio bonapartista¹. Pode-se perceber que da aproximação (que vinha dos anos 1930) com intelectuais mais radicais da negritude em torno do *Griots*, sobretudo os seus setores mais nacionalistas e conservadores, abriu-se o caminho que favoreceu um regime crescentemente autoritário². No entanto, essa constatação está longe de explicar tudo. Para garantir a hegemonia sobre a sempre refratária burguesia de pele mais clara, Duvalier utilizou-se da intimidação e da corrupção para criar sua própria elite, enriquecendo seus apoiadores próximos com vantagens e recursos provindos do Estado. Com isso, uma “papadocracia” se constituiu e se fortaleceu na separação que era alimentada pela cor de pele (negros e mulatos)³.

A vitória de Duvalier foi preparada pela ação do Exército e pelo uso sistemático da violência contra as massas populares, ainda relativamente organizadas e com certa autonomia de ação nesse período. A esquerda haitiana, mesmo se marginal no movimento popular do país, não deixou de confundir e dispersar as poucas possibilidades de se constituir um movimento de características anti-imperialistas que desse um viés progressista à resistência nacionalista presente. A expressão desse movimento foi o apoio inicial de alguns intelectuais marxistas a Duvalier⁴.

A violência de Duvalier precedeu a sua própria eleição, como destacamos. Seus apoiadores civis usaram de atos violentos durante a campanha eleitoral, em parte por conta da cumplicidade de oficiais do Exército que eram seus partidários. O aparato paramilitar de Duvalier anterior a 1957, que depois deu origem aos milicianos *Tontons Macoutes* e outros, já atuava. A mais original característica dessa violência antes da ascensão ao poder foi a ampliação da sua ação social, que foi dirigida na capital do país contra a pequena burguesia, mas atingia também camponeses e provavelmente uma ampla margem do lumpesinato que se organizava em torno de Fignolé. A maioria dos apoiadores de Duvalier era recrutada entre parasitas sociais das novas áreas urbanas, assim como artesãos e pequenos proprietários, profissionais liberais, que formavam um tipo de alto comando. Mais do que o uso explícito da força e da violência, o duvalierismo incluía uma estratégia de distribuição econômica que permitia recrutar indivíduos, a baixo preço. A compreensão dessa estratégia permite entender a

¹ Por outro lado, Jean Price-Mars, o fundador do indigenismo haitiano, nunca apoiara os políticos da negritude, e mais do que isso, publicamente ele se afastou do regime de François Duvalier como um posicionamento nem um pouco pequeno de sua integridade e coragem pessoal, in: Michel-Rolph Trouillot, Op. cit., p. 132.

² Eliesse dos Santos Teixeira Scaramal, Op. cit., p. 72.

³ François Duvalier era chamado popularmente de *Papa Doc*, em referência às suas atividades anteriores como médico em consultórios populares, imagem que ele usou demagogicamente na sua carreira política.

⁴ Sobre essa questão ver: David Nicholls, Op. cit., p. 230-232.

extensão socioeconômica e a situação geográfica desses parasitas urbanos em torno de seu futuro regime⁵.

No quadro de permanente instabilidade vivida pelo país até pelo menos 1957, somente um remodelamento institucional de longo alcance do Estado poderia garantir a Duvalier o poder efetivo. Ele optou inicialmente por uma solução que afastasse ambos os extremos, direita e esquerda, como oponentes do espectro político. Era o início da longa diáspora haitiana à França, aos EUA, ao Canadá, alcançando até mesmo líderes políticos ligados ao Vaticano. Os partidos de oposição foram brutalmente perseguidos, o que obrigou cerca de doze siglas a atuarem no exílio. Leslie Manigat atuou a partir de Caracas. O Partido Unificado dos Comunistas Haitianos (PUCH) baseou-se na França, assim como o Partido Nacional Progressista Revolucionário Haitiano (Panpra), liderado por Serge Gilles. Na República Dominicana estabeleceu-se o Partido Democrático Revolucionário Haitiano (Modelh), depois conhecido como Movimento Democrático pela Libertação do Haiti e liderado por François Latortues. Alguns autores defenderam a hipótese de que o regime criado por Duvalier seria um tipo de “regime sultânico”, que teria conseguido impedir o desenvolvimento de oposições políticas moderadas ou “maximalistas”, sem cooptá-las nem ao menos parcialmente em redes clientelistas. A ditadura seria assim um resultado plausível⁷.

Diversas tentativas de resistência ocorreram nesse período. A União Intersindical (UIH) surgiu em 1958 e conseguiu agrupar vários sindicatos. A União Nacional dos Estudantes, criada em maio de 1960, protagonizou uma greve estudantil em novembro, reprimida com violência. Uma vertente oposicionista nasceu quando a administração de John Kennedy se afastou de Duvalier e tentou fomentar em setores conservadores haitianos, alguns exilados na República Dominicana e na Venezuela, uma alternativa que não questionasse o sistema. Isso ocorreu no final do período regular do governo, em 1962-1963. Duvalier respondeu suspendendo as relações diplomáticas com os EUA e expulsando sua missão militar. Com a chegada da administração Lyndon Johnson aos EUA tudo foi restabelecido, mas internamente desencadeou-se uma onda de repressão, com o aprofundamento das características autoritárias do regime. Em 1963 um complot foi organizado pelo coronel Honorat e por vários membros do Estado-Maior. Outra conspiração havia ocorrido pelas mãos do chefe da polícia secreta Clément Barbot, em abril de 1962. O general Cantave também tentou uma ação entre abril e agosto de 1963, a partir da República Dominicana. Em 1964 ocorreram duas tentativas, uma do grupo Jovem Haiti e outra das Forças Armadas Revolucionárias do Haiti (FARH). Uma terceira série de invasões ocorreu entre 1967 e 1968, em torno da Coalizão Haitiana das Forças Democráticas, com grande apoio financeiro e uma propaganda anticomunista. Um dos últimos episódios dessas tentativas armadas de derrubada do governo foi o levante da Marinha encabeçado pelo coronel Octave Gayard em abril de 1970, igualmente fracassada. Entre as forças políticas que tentaram manter um trabalho clandestino dentro do país estavam o Partido do Entendimento Popular (PEP) de Jacques Stéphan Alexis e o Partido Popular de Libertação Nacional (PPLN), que participou da greve estudantil de 1960. Em agosto 1965 os remanescentes do PPLN perseguido pela repressão fundam o Partido da União de Democratas Haitianos (PUDA). No começo de 1969 O PEP se funde com o PPLN dando origem ao Partido Unificado dos Comunistas Haitianos (PUCH)⁸. À medida que o regime se

⁵ Michel-Rolph Trouillot, Op. cit., p. 153.

⁶ Richard A. Haggerty, Op. cit., p. 343.

⁷ Richard Snyder, “Vias de salida de los regimes sultanicos. Una combinación de perspectivas estructurales y voluntaristas”.

⁸ Gérard Pierre-Charles, Op. cit., p. 217-220. Alguns marxistas, que de início apoiaram Duvalier, foram posteriormente perseguidos pela milícia *Tontons Macoutes*. No início de 1969, ano em que vários dirigentes foram presos e mortos, surgiu o Partido Unificado Comunista Haitiano (PUCH), resultado da fusão de duas organizações, o Partido da União de Democratas Haitianos (PUDA) e o Partido do Entendimento Popular (PEP). O novo partido passou a publicar o jornal *Bukan*, e tinha entre seus dirigentes Reve Theodore, Max Bourjolly, Hervé Denin e o historiador Gérard Pierre-Charles. Foi um partido totalmente

consolidava, abria mão de qualquer compromisso nacional estável relacionado a um cada vez mais improvável fortalecimento democrático do Estado e da soberania econômica do país. O ensaio bonapartista era cada vez menos necessário.

O etnólogo francês Gérard Barthélémy afirma que o eixo explicativo seria muito mais uma oposição entre o mundo rural e o urbano no Haiti, que revelaria uma dinâmica de oposição entre sociedade e Estado, como dois mundos supostamente separados. É uma interpretação dualista incompatível e irreal frente ao desenvolvimento desigual e combinado que caracteriza a economia haitiana, globalmente submetida ao capitalismo imperialista⁹. O desenvolvimento de grupos sociais parasitários em torno do novo poder e o declínio da produtividade agrícola, por exemplo, estão relacionados a esse processo. O imposto sobre o café, a principal fonte de renda do governo, cresceu de 16% em 1953 para 27% em 1956-57 e 37% em 1969. Mas Duvalier diferenciou-se de todos os seus antecessores pela maneira como desenvolveu a distribuição desses recursos. A redistribuição afetou diretamente um amplo núcleo de beneficiários do Estado. Os ganhos individuais foram menores, e, como resultado, os líderes governistas puderam comprar grande número de simpatizantes com menos dinheiro. Depois de 1957 a distribuição das receitas do Estado afetava mais pessoas do que antes. A patronagem política, a participação em projetos governamentais e em forças militares e paramilitares eram sinais de aliança política com o regime, de consequências políticas e econômicas para os indivíduos com esses vínculos. A compensação monetária não estava ligada necessariamente às origens sociais, dando a impressão de que se tornava mais acessível para todos. Quando os recursos do Estado eram insuficientes, os chefes locais do regime podiam extrair mais com taxas extras. Dessa forma, submetendo centenas de artesãos, de pequenos proprietários, de camponeses, tornavam-se senhores incontestáveis de suas vilas e regiões. A fidelidade individual desses homens e mulheres levava-os a se tornarem os futuros milicianos paramilitares do regime. Isso permitia promover uma contínua aliança desses centros de poder político para a manutenção do poder local. Para a maioria, no entanto, a ascensão social e política não era mais que uma possibilidade. Esse sistema foi se estruturando pouco a pouco.

Duvalier teve de fato a habilidade de substituir, com pleno apoio dos EUA, a força armada que o sustentaria nos anos seguintes. A relativa autonomia do Exército, corpo militar estranho ao Estado nacional, criado após a invasão dos EUA em 1915, era, contraditoriamente, um obstáculo à consolidação do regime de Duvalier. Assim, ele afastou os líderes do Exército e fechou a Academia Militar para bloquear uma renovação institucional autônoma da hierarquia, mas compensou isso ao promover soldados para níveis superiores. Em dezembro de 1958, todo o comando do Exército foi substituído por jovens e leais oficiais treinados pelos *marines* dos EUA. A remodelação do Exército se deu por meio da promoção de um novo grupo de oficiais provindos da baixa pequena burguesia, de famílias de profissionais mais negros, de homens de pele clara provindos de pequenas vilas e cidades com pouca influência social, o que desferiu um golpe nos tradicionais aliados dos seus adversários. O Exército do Haiti nunca havia sido palco de tão rápidas promoções quanto nesse início do governo Duvalier. As promoções não preencheram todo o vácuo criado no topo, mas elas permitiram cooptar setores que poderiam protestar contra essas medidas no Exército e enfraqueceram os antigos dirigentes¹⁰. Por isso, foi criada também uma guarda presidencial para garantir a independência militar e a segurança de Duvalier.

alinhado com a burocracia soviética e cubana. Com a queda do regime Duvalier ele foi rearticulado e vários de seus dirigentes puderam voltar ao país, mas não resistiu ao fim da União Soviética em 1989, dissolvendo-se no Movimento de Reconstrução Nacional (MRN). Antes disso Gérard Pierre-Charles rompeu com o PUCH.

⁹ Ver Gérard Barthélémy, *Le pays en dehors: essai sur l'univers rural haïtien*.

¹⁰ Michel-Rolph Trouillot, *Op. cit.*, p. 157.

Depois de neutralizar as Forças Armadas, ao criar uma milícia própria, Duvalier instituiu o terror permanente no cotidiano da população, com um corpo armado para reprimir a todos e que realizava execuções sumárias a luz do dia, tortura e desaparecimento de adversários. Havia um precedente histórico no Haiti ainda que não tivesse atingido essas dimensões. O presidente Faustin Soulouque (1847-59) criara os *zinglins* em sua época. Durante sua campanha presidencial, Duvalier já havia criado uma guarda armada privada e paramilitar, os *cagouards* (homens encapuzados). Ele foi hábil também ao recrutar os primeiros *Tontons Macoutes* nos segmentos da população rural que antes tinham fornecido os guerrilheiros das rebeliões dos *Piquets* no século XIX e dos guerrilheiros Cacos contra a ocupação dos EUA em 1915. Ele visava com isso cooptar setores e grupos excluídos para um sistema político mais sólido e concentrado. As milícias dos *Tontons* eram formadas inicialmente por voluntários sem salários, mas que buscavam, com essa participação, obter vantagens pessoais por meio também da corrupção¹¹. Enquanto a guarda presidencial zelava pela segurança da capital, os *Tontons* expandiam sua autoridade pelo interior do país. Esta era a origem de uma das organizações paramilitares contemporâneas mais brutais conhecidas, que absorvia um setor da população rural predominantemente analfabeta e que se reportava diretamente ao próprio Duvalier através de um tipo de estrutura em que os principais dirigentes tinham grande proximidade política ao Presidente¹². Em 1961, apenas dois anos depois de ser criada, a milícia dos *Tontons* tinha efetivos duas vezes maiores que os do Exército. Nunca foi uma verdadeira milícia, mas também não era uma simples polícia secreta. Era mais propriamente uma milícia de tipo fascista que se complementava com a outra milícia ou setor popular desarmado, como veremos à frente.

Muito da eficácia da repressão interna deveu-se à modernização e às tecnologias introduzidas pelos EUA durante a sua ocupação militar (1915-1934), e à centralização do poder na capital em desfavor do interior. Duas dessas formas de pacificação do interior foram as estradas, que facilitaram os deslocamentos dos *marines* e a modernização das forças de segurança. Até então, a única instituição com alcance nacional era a Igreja Católica, sob controle estrangeiro, frente à descentralizada religião nacional vodú¹³. Os *Tontons* permitiram expandir a influência de Duvalier como uma espécie de sistema nacional de patronagem. Foi com os *Tontons* que o presidente conseguiu atrair apoio para o seu poder político, controlando de fato o campo e a maioria da população. Mas esse controle não abriu nenhuma possibilidade de autonomia ou de expressão democrática às massas camponesas do país, pelo contrário. Contraditoriamente, se criara a consciência da existência de um sistema político nacional centralizado autoritariamente, e de novas aspirações políticas, mas ao lado da destruição de qualquer institucionalização da vida política local¹⁴. Os *Tontons* mantiveram-se até depois do fim da ditadura como um dos mais poderosos obstáculos à construção de instrumentos de democracia e organização popular. Mesmo após sua extinção formal como grupo armado, as antigas redes de relações construídas permaneceram como ativos instrumentos de controle e intimidação política nos rincões do país e realimentaram novos grupos paramilitares e criminosos. Diferentemente do que se poderia pensar, além de importantes para o controle político em si, a existência dos *Tontons* tinha alcance ainda maior como sistema de controle social. O alto número de seus potenciais membros reduzia os custos econômicos e políticos de adesão e criava uma feroz competição social, neutralizando ou dispersando o potencial das massas de se oporem ao regime. Era o velho método de dividir para reinar, ou a autoneutralização como tática, que consistia em aumentar

¹¹ Richard A. Haggerty, Op. cit., p. 338.

¹² Peschanski, J. A. (2013). “Papa Doc’s Feint: the misled opposition and the consolidation of Duvalier’s rule in Haiti”. Teoria e pesquisa. 22 (2): pp. 1-10.

¹³ Patrick Bellegarde-Smith, Op. cit., p. 98.

¹⁴ Ibidem, p. 342.

os grupos de acesso às fontes políticas e econômicas do regime para cooptá-los. Dessa forma, o número de indivíduos almejando novos privilégios tornava-se alto o suficiente para bloquear a emergência de uma oposição de massas estruturada nacionalmente¹⁵. O regime de Duvalier subsidiava um número extraordinário de partidários, mas o custo dessa política caía a cada eliminação de milhares de profissionais, burocratas, oficiais do Exército, além dos expedientes de prisão, tortura e emigração forçada, o que sempre permitia reduzir o número de pretendentes à liderança política. Em um primeiro momento, esse sistema político poderia ser visto como um regime de fragmentação e debilitamento do Estado nacional, mas, se em nível local fragmentava as possibilidades de dinâmicas populares autonomistas, ajudava a concentrar o poder acima das classes e diretamente na cúpula do Estado, particularmente em Duvalier. Não por acaso, o ditador manteve vigilância permanente sobre a cúpula do exército, realizando depurações frequentes como a conhecida execução de 19 oficiais em junho de 1967 que pertenciam ao seu círculo próximo e visava demonstrar que ninguém estava seguro¹⁶.

Em 1962 foi dado um passo a mais na consolidação do regime, com a fundação de uma instituição paralela, uma milícia civil chamada de corpos de Voluntários da Segurança Nacional (VSN). Nem todos os antigos membros dos *Tontons* tornaram-se integrantes dos VSN, muitos se recusaram a vestir os uniformes da nova milícia, porque era uma organização recrutada entre membros das camadas populares. O mais importante era que nem todos os membros da nova milícia tinham sido *Tontons*. De fato, havia uma distinção entre os membros da polícia secreta *Tontons* e os membros da nova milícia civil. Os *Tontons* expressavam uma participação ativa do regime na repressão. Enquanto os membros da pequena burguesia na polícia secreta prendiam e torturavam os oponentes do regime, os camponeses que eram membros da milícia VSN marchavam ao som de músicas militares nas ruas da capital intimidando com sua presença a burguesia e a pequena burguesia refratárias. Até a década de 1970, a maior parte dos milicianos tinha uniforme, mas não armas. Com uniforme azul escuro, evocavam para alguns o tradicional costume local do deus vodu Zaka, uma divindade dos camponeses e da agricultura.

Essas ações criadas pelo regime o ajudavam de muitas maneiras. Em primeiro lugar, reforçavam a coerção, não somente nas cidades, mas também nos campos. Ainda que um membro da milícia não usasse de força física contra a comunidade, sua presença sugeria a presença do Estado armado. A existência de muitos milicianos passava a impressão também de que haveria grande consenso no interior do governo, o que de fato não existia. A milícia civil era acima de tudo um instrumento de organização e cooptação por meio do qual o regime buscava apoio prático e verbal no interior da sociedade. Tornou-se com o tempo um sistema eficiente de controle nacional, em um país carente de instituições enraizadas em todas as regiões. Não existia, por exemplo, um sistema nacional de educação. Mesmo a prática religiosa do vodu não possuía uma hierarquia nacional. Dessa maneira, a milícia civil tornou-se para muitos uma organização com dimensão nacional, o que permitia a Duvalier estar presente em todas as regiões, e que era reconhecida em todo país, independentemente de localidade, classe, idade ou gênero. As mulheres também podiam participar, o que a tornava uma organização de cooptação nacional, que favorecia uma ascensão econômica, social ou de status, ainda que modesta¹⁷.

¹⁵ Michel-Rolph Trouillot, Op. cit., p. 154-156.

¹⁶ Fatton, Robert, Jr. (2013). "Michel-Rolph Trouillot's State Against Nation: A Critique of the Totalitarian Paradigm". Small Axe. Duke University Press. 17 (3 42): 208., págs. 77-84. MARQUIS, John (2007): *Papa Doc: Portrait of a Haitian Tyrant*. Kingston, Jamaica, LMH Publishing, págs. 97-101.

¹⁷ Michel-Rolph Trouillot, Op. cit., p. 191.

Como destacou M. Trouillot, a tradição liberal convenientemente esconde o monopólio de Estado no uso da violência. Nessa tradição, o consenso aparece somente como uma aceitação verbal e não como uma definição que pode pressupor o uso da força. Mas, do ponto de vista dialético, coerção e consenso podem ser vistos de maneira inseparável, parte de um contínuo inerente à fabricação política do poder. E, nessa perspectiva, o consenso não pode ser visto como totalmente passível de aceitação. Consentir não significa aceitar; o consenso pode estar aqui associado ao conceito de hegemonia de Antonio Gramsci, que se refere à obtenção de legitimidade política no nível da estrutura. No Haiti, o consenso político nunca abrangeu o conjunto da sociedade, seja pelo antigo isolamento dos camponeses, seja pela inabilidade da burguesia mercantil em tornar-se hegemônica¹⁸. O poder precisava ser mantido para além da violência cotidiana, e para isso era necessário gerar o consentimento. O regime de Duvalier o buscou habilmente, por meio de várias estratégias: de início, a ampliação do discurso da negritude no interior de um quadro bonapartista e nacionalista de identificação do Estado com a nação; depois, com a estratégia, a princípio dirigida às classes populares, de expansão do papel do Estado por meio de mecanismos de redistribuição de renda e o uso da milícia civil como organização de consenso¹⁹.

A história da repressão através dos milicianos Tontons, que inicialmente partiam de um discurso racialista de defesa dos direitos dos negros supostamente contra os mulatos, demonstrava a profundidade do processo de destruição da nação haitiana realizado por François Duvalier. Os próprios negros estão aqui assumindo a prática dos colonizadores e dos capitalistas discriminando, perseguindo e exterminando adversários políticos utilizando critérios racistas e biológicos. Esta criação extremada realizada por Duvalier permitiu traduzir em prática do Estado o que os brancos e europeus já realizavam desde o princípio do capitalismo contra todos os povos submetidos. Trata-se aqui provavelmente já de uma nova etapa do racismo contra os negros que se generaliza para o conjunto dos oprimidos e perseguidos, ou uma antecipação haitiana daquilo que Achille Mbembe caracterizará como universalização da condição negra para além deles?

Duvalier adaptou seu poder e o institucionalizou para funcionar, mesmo frente à instabilidade permanente vivida pelo país. Nas suas palavras, “*formalizou-se a crise*”²⁰, o que se expressou no ataque sistemático às instituições nacionais com certa autonomia, mas em declínio, que já tinham sido enfraquecidas desde a ocupação dos EUA entre 1915 e 1934. O regime, não satisfeito em silenciar a imprensa independente, criou a sua própria mídia, com programas de rádio propagandeando as virtudes fabricadas sobre o grande líder. Durante o governo Duvalier, o controle dos meios de comunicação foi fundamental para a manutenção do regime. Na década de 1960, os jornais tinham uma pouca circulação em um país com apenas 10% de alfabetização. Eram jornais que influenciavam principalmente uma elite intelectualizada, sem quase nenhuma participação popular. Ainda assim, em poucos meses de governo, Duvalier inviabilizou os quatro principais jornais do país (*Oiti-mirim*, *Le Matin*, *Le Patriote* e *Indépendance*), que foram calados com ataques a seus escritórios. Muitos jornalistas foram presos, alguns torturados, impondo-se o pensamento único na imprensa de 1960 até o final do regime. O último a ser fechado foi o jornal conservador e católico *La Phalange*, em 1961. As rádios não tiveram destino melhor, e a Rádio Havana, de Cuba, e a Voz da América, dos EUA, tornaram-se referências, além do jornal *Haiti-Observateur*, de Nova York²¹.

18 Ibidem, Op. cit., p. 187-188.

19 Ibidem, p. 188.

20 Ibidem, p. 157.

21 Bellegarde-Smith, 1990, p. 101-102.

Todas as instituições civis, o que abrange os aparelhos ideológicos (igrejas, escolas, universidades, mídias, além de associações profissionais e clubes esportivos, de todos os tipos de cores sociais e raciais), foram fechadas ou reduzidas à impotência. As universidades foram logo afetadas, e o sistema de ensino superior foi submetido em 1960 ao guarda-chuva da “universidade do Estado do Haiti”. Em 1963, o regime agiu contra os sindicatos, as últimas instituições a serem alcançadas por Duvalier. O governo atacou e perseguiu a Igreja Católica, acusando o ultraconservador arcebispo Breton de promover agitação comunista. Sucessivas ações foram tomadas, como a expulsão de três bispos, o que criou um vácuo no topo da Igreja. A expulsão dos jesuítas, em 1964, e da Ordem do Pai de Espírito Santo, cinco anos depois, eliminou duas ordens religiosas já isoladas nos anos 1959-61. A Igreja Católica sempre jogara papel político importante como bastião autônomo das forças conservadoras do país. Declarada religião oficial desde 1860, foi sempre uma arma nas mãos da elite francófona que queria ocidentalizar o país, sendo instrumento de perseguição à cultura popular e à religião vodu. Era um obstáculo aos discursos e à consolidação do regime autoritário.

A prática política da autoneutralização implicava que o Executivo bloqueasse os mecanismos internos de reprodução autônoma das instituições. Foi o que motivou, por exemplo, o fechamento do grande seminário que provia o treinamento de novos padres católicos. Duvalier e seu gabinete foram excomungados, mas em 1966 um acordo foi feito com o papa de então. A ditadura recebeu dinheiro do Vaticano para “haitianizar” a Igreja Católica e o próprio presidente se tornaria um “líder espiritual” dos católicos. Isso permitiu a Duvalier nomear depois padres haitianos da pequena burguesia para postos ministeriais. O Vaticano “nacionalizou” o seu clero, com a nomeação de cinco bispos haitianos. A Igreja Católica foi incorporada também ao regime. Desde sempre a cúpula católica era aliada do poder, antes defendendo os interesses da França contra o Haiti, ou apoiando os EUA durante a ocupação, em nome da “missão civilizatória”²². As missões protestantes providas dos EUA foram incentivadas também e buscaram criar laços de dependência com a cultura estadunidense.

Em relação ao vodu, François Duvalier percebia seu lugar central na vida do povo haitiano, e estudara suas práticas ainda antes de 1957. Seu anterior relacionamento com uma ampla rede de sacerdotes vodus se incorporou no apoio a seu regime. Ao reconhecer publicamente o vodu e seus praticantes, ganhou ampla simpatia popular. Além disso, era visto como um líder que controlava forças mágicas, o que de fato serviu como forma peculiar de ganhar legitimidade para seus atos. O vodu surgira no passado como religião dos escravos africanos de diversas tribos. Trata-se de uma religião que conserva traços culturais africanos originários da região então chamada de Daomé (atual Benin). É basicamente uma religião de culto aos espíritos ou divindades chamados de *loas*. Cada *loa* tem a sua moradia particular no mar, em um rio, em uma montanha, e pode ajudar os seus seguidores fiéis com o vigor das ações ou o som dos tambores sagrados. Os *loas* seriam protetores dos seus servidores e de quem os ajuda. Comunicam-se com seus seguidores por meio de transe e assumem formas humanas. As cerimônias da religião são executadas em locais abertos ao público²³. A clandestinidade a que foi obrigado o vodu desde a colônia deu-lhe um caráter secreto e misterioso, que favoreceu interpretações excêntricas e absurdas. O poder político dado pelo vodu aos seus sacerdotes levou a perseguições dos primeiros chefes haitianos no século XIX e a movimentos de recuperação com fins

²² Ibidem, p. 103.

²³ Estudos demonstram que havia uma operacionalidade própria e lógica dos voduístas, destacada no livro de Wade Davis *A serpente e o arco-íris*, de 1986: “Essas relações de poder estavam encobertas em uma teia de códigos e significados desconsiderados por economistas e analistas políticos que tentaram, com base na racionalidade ocidental, explicar o caos e horror a que estava submersa a administração do Haiti...” (Ver: Eliesse dos Santos Teixeira Scaramal, Op. cit., p. 79). Assim, “a administração pública oficial, para chegar à população, deveria estar apoiada nas redes tradicionais de controle social criadas pelo próprio campesinato”. Essas redes comunitárias descritas foram comumente associadas pela historiografia a seitas secretas do vodu (Eliesse dos Santos Teixeira Scaramal, Op. cit., e David Nicholls, Op. cit., p. 221-223). Marcelo Grondin, Op. cit., p. 79-80.

políticos conservadores, como fez Duvalier. Em 1847 o presidente Soulouque favorecera o vodu para conseguir o apoio dos *hougans*.

François Duvalier não era apenas mais um político pragmático e autoritário. Foi sempre um estudioso da vida e da história de seu país, e não agia de forma voluntariosa. Criou um tipo de regime paternalista e autoritário moldado pelas características e história haitianas, voltado para a concentração de poder político e econômico. Para solidificar ainda mais seu poder, Duvalier produziu uma nova Constituição, aboliu o Senado e, por decreto, promoveu eleições presidenciais e legislativas em 1964. Apesar de proibido de se candidatar, foi eleito por 1.320.748 votos a zero. Com todas as instituições submetidas à centralização do Executivo, Duvalier se declarou presidente vitalício. Com isso, o Executivo se tornou o próprio Estado. O bonapartismo tornou-se desnecessário com o quase completo aniquilamento da capacidade de ação independente das massas trabalhadoras. O enriquecimento do governante tornou-se o maior princípio da atividade governamental.

O Haiti quase sempre teve um Estado violento contra seu povo, e com Duvalier a legitimidade diária da violência tornou-se um princípio de governo nas relações entre Estado e nação. Em resumo, a série de medidas atribuídas a Duvalier eram de fato objetivos deliberadamente integrados à economia, à sociedade e à política, como contradições inerentes à estrutura do país. O Executivo absorveu o Estado inteiro e esse absorvia a nação²⁴. Essa situação expressou-se no slogan: “*desejar destruir Duvalier é desejar destruir o Haiti*”; em propagandas com técnicas inspiradas na Itália de Mussolini e na Alemanha de Hitler, que apresentavam Duvalier como a encarnação dos fundadores da nação, senão como o próprio Deus²⁵.

A concentração de poderes não deveria, no entanto, ser vista como algo patológico na vida política haitiana, embora a dificuldade de participação e organização democrática das massas populares tenha sido uma característica da história política do país. Seria muito simples atribuir o autoritarismo presidencialista a uma espécie de obsessão política nacional²⁶. Por outro lado, isso permitia construir um governo aparentemente sem compromissos explícitos com uma plataforma de ação. A personalização do poder e as relações pouco nítidas e diferenciadas entre governo e Estado também se tornaram uma característica cada vez mais presente. Como dizia Duvalier: “*Eu sou a bandeira haitiana. Quem é meu inimigo é inimigo da pátria*”²⁷. Esse Estado estruturado a partir do autoritarismo personalista exigiu a desmobilização política das massas. O bonapartismo serviu inicialmente a esse propósito. O seu complemento foi a construção de um aparato de repressão enraizado socialmente para desmobilizar os setores organizados e criar um regime autoritário que ultrapassasse o governo. Muitos segmentos da classe dominante haitiana, entre os quais inúmeros políticos da direita, buscaram posteriormente reduzir o regime Duvalier a um fenômeno acidental, que poderia ser explicado em termos de características individuais do Duvalier pai ou do filho. O regime, no entanto, foi mais complexo.

No aspecto simbólico, manipulou o discurso da negritude para assegurar um mínimo de comprometimento por parte dos diversos segmentos da população. Isso permitiu estabelecer uma base ideológica dupla: a consciência racial como base de coesão nacional e a pequena burguesia negra como suposta representante natural das massas. A negritude, de fato, era uma máscara usada pelo regime para os objetivos políticos de uma fração da pequena burguesia. A propaganda transformou a

²⁴ Michel-Rolph Trouillot, Op. cit., p. 161.

²⁵ Michel-Rolph Trouillot, Op. cit., p. 196.

²⁶ Richard A. Haggerty, Op. cit., p. 339. Posição defendida com ênfase por essa publicação oficial estadunidense, omitindo a grande responsabilidade dos EUA sobre os destinos do pequeno país caribenho.

²⁷ Richard A. Haggerty, Op. cit., p. 340.

negritude e seu líder em um messias multicolorido²⁸. No entanto, consolidado o regime, Duvalier não hesitou em se dissociar da negritude quando considerou necessário.

A historiografia em geral privilegia como explicação para a ascensão de Duvalier suas relações estreitas com a política externa dos EUA, o que é correto. Nos termos do historiador Gérard Pierre-Charles, “o fenômeno Duvalier teria nascido da crise de hegemonia dos grupos tradicionais de poder, somado aos conflitos socioeconômicos e políticos que vinham amadurecendo durante os anos de ocupação norte-americana”²⁹. Porém, deve-se considerar que o período pós-Segunda Guerra abriu um espaço, ainda que limitado, para governos nacionalistas na América Latina. E Duvalier o explorou desenvolvendo um discurso, inicialmente nacionalista, que incorporou o tema da negritude com objetivos conservadores³⁰. A resposta autoritária se combinou com estratégias que podem ser divididas em dois segmentos: a criação de uma crescente base social de consenso por meio de repressão, cooptação e propaganda, e uma aliança estratégica da burguesia local com o imperialismo dos EUA. No princípio, um regime bonapartista que buscou se apoiar em um discurso nacionalista e de defesa da negritude. E, à medida que esmagava, com o apoio do imperialismo, toda a oposição interna, pôde assim orientar-se para uma ditadura abertamente autoritária³¹.

O longo regime Duvalier a partir de 1957 não pode ser compreendido senão no contexto do apoio ou da conivência permanente dos EUA. A condenação internacional ao regime brutal ajudou a isolar o país, embora sempre contasse com o suporte e a presença dos EUA, o que se devia, em particular após a vitória da revolução cubana de 1959, ao lugar estratégico ocupado no Caribe como já analisamos.

Os efeitos da ditadura Duvalier foram brutais para a sociedade haitiana. Calcula-se que houve entre 20 mil e 50 mil pessoas assassinadas pelo regime em razão de perseguições políticas diversas. Muitos emigraram para nunca mais voltar, sendo que mais de um quinto da população foi exilada econômica ou politicamente. Segundo algumas estimativas, pelo menos 80% dos profissionais qualificados deixaram o país até meados da década de 1960³². O país foi erigido na década de 1960 como uma espécie de *bunker* para evitar a difusão da revolução socialista. Duvalier soube explorar muito bem a rivalidade entre EUA e Cuba a seu favor. Mas como justificar ideologicamente essa longa intervenção sem a construção de uma imagem da incapacidade dos haitianos de se autogovernarem? A imprensa e embaixadores dos EUA deixaram inúmeras provas de como manipulavam e criavam uma imagem negativa dos haitianos para justificar a intervenção política no país. Era uma tradição, que começou a ganhar mais intensidade com a invasão de 1915, e nunca cessou. Os haitianos eram frequentemente apresentados como um povo de hábitos tribais, supersticioso, muito emotivo, facilmente manipulável por uma política demagógica. Algo que se repetia por mais de cem anos pela grande imprensa dos EUA³³.

²⁸ Michel-Rolph Trouillot, Op. cit., p. 192.

²⁹ Eliesse dos Santos Teixeira Scaramal, Op. cit., p. 76.

³⁰ Eliesse dos Santos Teixeira Scaramal, Op. cit., p. 74. Nessa medida, devemos atentar para a grande diversidade de estudos etnográficos sobre o assunto. A corrente antropológica de Laënnec Hurbon, por exemplo, considera que François Duvalier reforçou temas que mistificam o povo haitiano.

³¹ Para alguns autores não havia nada de excepcional na ditadura Duvalier senão o uso de métodos brutais para dividir e aniquilar completamente a oposição. Ver a respeito: Peschanski, J. A. “Papa Doc’s Feint: the misled opposition and the consolidation of Duvalier’s rule in Haiti”. *Teoría e pesquisa*. 22 (2), 2013.

³² *Ibidem*, p. 97.

³³ Patrick Bellegarde-Smith, Op. cit., p. 105.